

**FAMILIARIDADE E INTELIGIBILIDADE DA PRONÚNCIA DE
APRENDIZES BRASILEIROS DE INGLÊS: UM ESTUDO COM UMA
OUVINTE AMERICANA E UMA CAMARONESA**

**Familiarity and Pronunciation Intelligibility in Brazilian Learners'
English: a Study with an American and a Cameroonian Listener**

**Neide Cesar CRUZ, UFCG¹
Edith Estelle BLANCHE, UFCG²**

RESUMO: Este estudo focaliza a inteligibilidade da pronúncia de aprendizes brasileiros de inglês para uma ouvinte americana e uma camaronesa, familiarizadas com o falar em inglês de brasileiros. Especificamente, o estudo tenciona responder duas questões: (1) Para qual das duas ouvintes a pronúncia dos aprendizes brasileiros é mais inteligível? e (2) A familiaridade das ouvintes com o falar em inglês dos brasileiros influenciou a compreensão da fala dos aprendizes? Se sim, de que forma? Dez amostras contendo aspectos de pronúncia que caracterizam o protótipo do inglês brasileiro foram apresentadas às ouvintes, que foram solicitados a: (1) escrever o que tinham ouvido; e (2) ao serem apresentadas à transcrição ortográfica da amostra, identificar palavra(s) que tivessem achado *difícil*, *muito difícil*, ou *impossível* de entender. Os resultados revelam que a familiaridade das ouvintes com o falar em inglês de brasileiros facilitou a compreensão das amostras de forma semelhante. Apesar disso, a fala dos aprendizes foi mais inteligível para a camaronesa. Duas variáveis podem explicar tal resultado: (1) a semelhança existente entre a forma de pronunciar palavras no inglês camaronês e no inglês dos aprendizes brasileiros; e (2) a exposição que a camaronesa tem, diferentemente da americana, a outros sotaques do inglês.

PALAVRAS-CHAVE: pronúncia; inteligibilidade; familiaridade

ABSTRACT: The present study focuses on the pronunciation intelligibility of Brazilian learners' English to two listeners, one Cameroonian and one American, familiar with the way Brazilians pronounce English words. Specifically, this study aims at answering the following two questions: (1) To which listener is the learners' pronunciation more intelligible? and (2) Has the listeners' familiarity with the way Brazilians pronounce English words influenced their comprehension? If so, in what way? Ten samples containing features which characterize the way Brazilians pronounce English words were presented to the two listeners. They were asked to carry out two tasks: (1) to write down the samples; and (2) after having received the transcript of the samples, identify the word(s) they had found difficult, very difficult or impossible to understand. The

¹ Doutora em Letras/Inglês pela UFSC e professora da Unidade Acadêmica de Letras da UFCG.

² Graduada em Relações Internacionais pela Universidade de Yaounde – II e graduanda em Letras/Inglês pela UFCG.

results reveal that although familiarity influenced the two listeners' comprehension in a similar way, the learners' pronunciation was more intelligible to the Cameroonian listener. Two variables are likely to explain this result: (1) the similarity existing between the pronunciation of words in Cameroon English and in the way the learners pronounced words; and (2) the Cameroonian's exposure, unlike the American's, to other English foreign accents.

KEYWORDS: pronunciation; intelligibility; familiarity

INTRODUÇÃO

Adquirir uma pronúncia inteligível, ao invés daquela semelhante a do falante nativo, tem sido um objetivo continuamente abordado por estudiosos de pronúncia do inglês, tais como Kenworthy (1984), Brazil (1996), Jenkins (2000), Walker (2010), Dixo-Lieff, Pow & Nunes (2011). Esse objetivo está sendo mais amplamente discutido devido à expansão do número de falantes de inglês no mundo. A esse respeito, Jenkins (2000) e Walker (2010) argumentam que como o número de falantes não-nativos de inglês atualmente ultrapassa o de falantes nativos, o objetivo no ensino da pronúncia do inglês não deve mais incluir uma variedade nativa como modelo a ser seguido, mas a inteligibilidade.

A fim de que esse objetivo seja concretizado, é necessário, obviamente, que a inteligibilidade seja medida. Essa medição é considerada extremamente complexa, devido ao grande número de variáveis que contribuem para facilitá-la ou impedi-la (FIELD, 2003), as quais se referem tanto aos falantes quanto aos ouvintes. Com base em estudos envolvendo inteligibilidade de pronúncia de aprendizes brasileiros de inglês (CRUZ, 2008; CRUZ, 2006; CRUZ, 2003), destacamos uma variável relevante relacionada ao ouvinte: a familiaridade com o sotaque estrangeiro do falante. Os estudos mencionados são relevantes para a identificação dessa variável, no entanto, apresentam uma limitação: apenas falantes nativos do inglês como ouvintes. Essa limitação pode ser corroborada por Walker (2010), quando argumenta que o inglês é uma língua global e, por isso, o objetivo no ensino de pronúncia deve ser fazer os aprendizes inteligíveis para o maior número de pessoas possível, e não apenas para falantes nativos. Diante desse argumento, questionamo-nos quem poderiam ser essas pessoas, a quem Walker (2010) se refere.

Consideramos que o modelo proposto pelo linguista Kachru (1985, apud NELSON, 2011), que representa a expansão do inglês e reflete a realidade sociolinguística dos usos da língua inglesa no mundo (JENKINS, 2003), pode sugerir não só outros possíveis interlocutores para aprendizes brasileiros de inglês, mas também ouvintes para estudos em inteligibilidade que não sejam apenas nativos. O modelo compreende três círculos concêntricos, denominados (1) círculo interno (*inner circle*), (2) círculo externo (*outer circle*) e (3) círculo expandido (*expanding circle*).

O círculo interno inclui falantes de Inglês como Língua Nativa (ILN), onde o inglês é a língua oficial. O círculo externo envolve falantes de Inglês como Segunda Língua (ISL), e compreende países colonizados pelo império britânico, como Índia, Nigéria, Camarões, Kenya. Nesses países o inglês não é a língua nativa dos seus habitantes, mas é usada como língua oficial nos meios de comunicação e na área da educação, devido à diversidade de línguas nativas locais existentes em cada país.

O círculo expandido compreende falantes de Inglês como Língua Estrangeira (ILE), onde o inglês não é nem língua oficial e nem segunda língua. Países que fazem parte do círculo expandido incluem Brasil, Japão, China, Argentina.

Os três círculos mencionados mostram que a limitação dos estudos referida anteriormente realmente ocorre, uma vez que apenas falantes do círculo interno participaram como ouvintes. Tencionando aprofundar a compreensão que a variável - familiaridade do ouvinte com o sotaque estrangeiro do falante - possa ter na inteligibilidade da pronúncia desse falante e, ao mesmo tempo, continuar a investigar a inteligibilidade da pronúncia de aprendizes brasileiros de inglês, tanto para nativos, como para ouvintes que pertençam aos outros círculos propostos por Kachru (op. cit.), realizamos o presente estudo que focaliza a inteligibilidade da pronúncia de aprendizes brasileiros de inglês para duas ouvintes familiarizadas com o falar em inglês dos brasileiros, inseridas, cada uma, em um círculo diferente do modelo de Kachru (op. cit.). A primeira é americana, falante de ILN, pertencente ao círculo interno; a segunda é camaronesa, falante de ISL, pertencente ao círculo externo³. Especificamente, o estudo tenciona responder a duas questões: (1) Para qual das duas ouvintes a pronúncia dos aprendizes brasileiros é mais inteligível? e (2) A familiaridade das ouvintes com o falar

³ O critério para a seleção das ouvintes foi disponibilidade. Tivemos oportunidade de conhecer a americana, e a camaronesa é aluna do curso de Letras/Inglês, contexto onde a presente pesquisa foi realizada.

em inglês dos brasileiros influenciou a compreensão da fala dos aprendizes? Se sim, de que forma?

MÉTODO

COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada em três etapas. Participaram da primeira etapa cinco graduandas do curso de Letras/Inglês da UFCG (Universidade Federal de Campina Grande), dos níveis 3 e 5⁴, com idades variando entre 20 e 25 anos⁵. Três lecionavam inglês em escolas de idiomas. Nenhuma delas tinha tido experiência com o inglês no exterior. Portanto, todo o conhecimento de inglês das participantes, bem como a pronúncia das mesmas, tinha sido adquirido no Brasil.

As graduandas foram solicitadas a falar livremente sobre dois dos quatro tópicos descritos a seguir: (1) *Describe a day (a situation) in your life you will never forget;* (2) *Describe a film/book you liked/didn't like;* (3) *Culture in Brazil: are there differences among the regions?;* e (4) *Describe a person you like/don't like.* As produções orais foram gravadas em MD (minidisc) digital portátil Sony MZ-R37, com um microfone estéreo, a fim de assegurar uma alta qualidade na gravação para as transcrições fonéticas e para a apresentação das amostras às duas ouvintes. O minidisc foi colocado perto das graduandas, para que as suas vozes pudessem ser ouvidas claramente. Quando as participantes foram convidadas a participar da coleta de dados, sabiam que seriam gravadas. Nenhuma delas expressou preocupação a esse respeito. Cada produção oral durou aproximadamente 20 minutos.

Onze amostras contendo aspectos de pronúncia que caracterizam o protótipo do inglês brasileiro (ver Anexo), e não contendo inadequações no nível grammatical e lexical, uma vez que essas inadequações podem afetar a compreensão da fala de um aprendiz de língua inglesa (TOMYIAMA, 1980; WANG, 1987), foram selecionadas das produções orais das graduandas, através de edição no programa Cool Edit. Em seguida, foram transferidas para um computador ligado a uma caixa de som, e apresentadas para as duas ouvintes, que participaram da segunda e terceira etapas da coleta de dados.

A segunda etapa incluiu como participante uma ouvinte americana, falante de ILN, natural de Logan, Utah. No período da coleta de dados tinha 21 anos, era estudante

⁴ Os níveis 3 e 5 correspondem ao intermediário e avançado, respectivamente.

⁵ Não mencionaremos o semestre em que a coleta foi realizada, a fim de preservar a identidade das participantes.

e missionária, e residia na Paraíba, especificamente em Campina Grande. Morava no Brasil há quase cinco anos, e informou que costumava falar em inglês com brasileiros, pois não conseguia se expressar muito bem em português. Isso indica, portanto, que a mesma tinha familiaridade com o falar em inglês dos brasileiros. Não falava nenhuma outra língua estrangeira, além de um pouco de português, e informou que não tinha contato com falantes não nativos de língua inglesa de outras nacionalidades, apenas com brasileiros.

A ouvinte foi solicitada a ouvir cada amostra uma vez, já que inteligibilidade é considerada aqui como sendo a primeira impressão, e a realizar duas atividades: (1) escrever o que tinha ouvido; e (2) ao ser apresentada à transcrição ortográfica da amostra que tinha ouvido, identificar e julgar palavra(s) cuja compreensão tenha considerado *difícil*, *muito difícil*, ou *impossível* de entender⁶. Ela também foi solicitada a explicar, se possível, o motivo de seu julgamento. Ao final da coleta com essa ouvinte, gravamos uma conversa individual para que ela pudesse oferecer explicações mais detalhadas a respeito da compreensão das amostras.

A terceira etapa da coleta de dados envolveu uma ouvinte camaronesa. No período da coleta de dados, ela tinha 28 anos, morava no Brasil há 2 anos, especificamente em Campina Grande, Paraíba, e cursava o quarto período do curso de Letras/Inglês da UFCG, participante do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G)⁷. Apesar de ter nascido e sido criada na parte leste, francófona de Camarões, teve inglês como língua de instrução na escola, aprendeu francês fora da escola e falava quatro línguas nativas locais de Camarões. Comunicava-se bem em português e costumava falar com brasileiros tanto em inglês quanto em português. Isso mostra, portanto, que a mesma tinha familiaridade com o falar em inglês dos brasileiros. Apesar de aluna do mesmo curso de Letras/Inglês das graduandas participantes da primeira etapa da coleta de dados, não tinha tido contato, nem cursado disciplinas com nenhuma delas.

Assim como com a ouvinte nativa do inglês, a camaronesa foi solicitada a ouvir cada amostra uma vez, e a realizar duas atividades: (1) escrever o que tinha ouvido; e (2) ao ser apresentada à transcrição ortográfica da amostra que tinha ouvido, identificar palavra(s) que tivesse considerado *difícil*, *muito difícil*, ou *impossível* de entender. Ela

⁶ A tarefa (2) foi adaptada de Silva (1999), que investigou a inteligibilidade da pronúncia de estudantes brasileiros de inglês do Rio de Janeiro para ouvintes de diversas nacionalidades.

⁷ Para maiores informações sobre o Programa acessar http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=530&id=12276&option=com_content&view=most

também foi solicitada a explicar, se possível, o motivo pelo qual tinha considerado a(s) palavra(s) difícil, muito difícil ou impossível de entender. Ao final da coleta com essa ouvinte, gravamos uma conversa para que ela pudesse oferecer explicações mais detalhadas a respeito da compreensão das amostras.

A primeira amostra, das 11 apresentadas no Anexo, serviu como prática para que as ouvintes pudessem conhecer melhor as atividades que iriam realizar. Portanto, dez amostras são analisadas neste estudo.

CARACTERÍSTICAS DE PRONÚNCIA NO INGLÊS DE BRASILEIROS

A fim de identificarmos as características de pronúncia do protótipo do inglês brasileiro na fala das graduandas participantes da primeira etapa da coleta de dados, adotamos como guia os fonemas do inglês que são considerados difíceis para aprendizes brasileiros produzirem, e os sons que esses aprendizes pronunciam devido a essas dificuldades. Esses sons são identificados em estudos realizados por Lieff e Nunes (1993), Rebello (1997) e Baptista (2001). Além das características previstas pelos três estudos mencionados, identificamos uma que não estava prevista e que consideramos relevante, uma vez que foi recorrente na fala das graduandas.

As características identificadas e analisadas aqui foram divididas em cinco categorias. Apenas as palavras contendo essas características foram transcritas foneticamente pelas pesquisadoras em cada amostra (ver Anexo) e farão parte da análise. As cinco categorias estão descritas a seguir⁸.

- (1) Acentuação de palavras - ['egzistəns], amostra 2, apresenta acento na primeira sílaba ao invés da segunda; [p.ni'zent], amostra 8, com acento na segunda sílaba ao invés da primeira; e ['ju:nivə'siti], amostra 10, com acento na primeira sílaba ao invés da terceira.

⁸ Os modelos que adotamos como referência para identificarmos as características de pronúncia nas cinco categorias são o RP (Received Pronunciation) e o GA (General American), cujas descrições estão disponíveis em dicionários e livros de pronúncia do inglês.

- (2) Produção de consoantes - ['ɛv.uifɪŋ], amostra 1, onde a fricativa dental desvozeada /θ/ foi substituída pela labiodental desvozeada /f/; e [fΛ], amostra 5, onde há a omissão da nasal [n] e nasalização da vogal precedente [Λ].
- (3) Produção de vogais - [hɛp], amostra 3, em que a vogal anterior /i/ foi omitida em posição final, e a vogal /ɛ/ foi produzida ao invés de /æ/; e [livz], amostra 6, onde a vogal anterior /ɪ/ foi substituída por /i/.
- (4) Inserção de vogal - ['bɛstɪ] e ['gɪftɪ], amostra 4, contêm inserção da vogal /i/ após a oclusiva alveolar desvozeada em posição final (a vogal inserida no vocábulo *best* é reduzida em relação àquela inserida em *gift*, ou seja, é produzida mais fracamente); [.iidi], amostra 7, apresenta inserção da vogal /i/, após a oclusiva alveolar vozeada em posição final; [iz'mɔu], amostra 7, mostra inserção da vogal /i/ antes do grupo consonantal iniciado por /s/, e sonorização da fricativa alveolar /s/, que foi produzida como /z/.
- (5) Vocábulo *culture* - esse vocábulo, amostra 9, cuja produção não estava prevista nos três estudos que nos serviram de guia, foi produzido ['kjutʃə], com [ju], na primeira sílaba, ao invés de /ʌl/.

FAMILIARIDADE DO OUVINTE COM SOTAQUE ESTRANGEIRO

Como mencionado anteriormente, a inteligibilidade é um construto de medição complexa, devido as variáveis que podem contribuir para facilitar ou impedir a inteligibilidade da fala de um aprendiz. Uma variável relevante para este estudo é a familiaridade que o ouvinte possa ter com um sotaque estrangeiro em particular, já que tencionamos aprofundar a compreensão dessa variável, como mencionado na introdução, e, por essa razão, selecionamos duas ouvintes familiarizadas com o falar em inglês dos brasileiros.

Estudos realizados com o controle dessa variável (SMITH; BISAZZA, 1982; GASS; VARONIS, 1984; DERWING; MUNRO, 1997; CRUZ, 2008; CRUZ, 2006; CRUZ, 2003) revelam que os ouvintes entendem melhor os sotaques com os quais são mais expostos. Field (2003) menciona um aspecto que pode auxiliar a compreender melhor a influência dessa variável, que não é abordado nesses estudos, e que consideramos relevante focalizar aqui: representação fonológica.

Field (op. cit., p. 36) define representação fonológica como “a maneira pela qual os sons da língua são armazenados na mente do usuário dessa língua.⁹ Segundo o autor, nossa mente é capaz de armazenar os diversos sons que escutamos. Se alguém, quando exposto a um sotaque pela primeira vez, tiver dificuldades em entender esse sotaque, poderá, em algum tempo, acumular mentalmente traços do sistema sonoro desse sotaque e ser capaz de decodificar corretamente o que ouve. Field (op. cit.) aponta que cada ouvinte constrói mentalmente uma série de representações fonológicas, que podem tanto estar relacionadas à língua materna, como também a sotaques diferentes de outras línguas que esse ouvinte tiver sido exposto. Devido a possibilidade de acumular representações fonológicas, “cada ouvinte é individual, um produto da sua própria experiência” (FIELD, 2003, p. 36)¹⁰. Abordaremos esse aspecto na análise, a seguir.

ANÁLISE E RESULTADOS

Apresentaremos os resultados considerando as cinco categorias em que as características do falar em inglês do brasileiro foram agrupadas. Para cada uma, indicaremos os resultados relativos às duas ouvintes: (1) a americana e (2) a camaronesa.

Acentuação de palavras

Amostra 2 “*She writes about existence*”

O vocábulo *existence* ['egzistəns], pronunciado com o acento na primeira sílaba ao invés da segunda, não foi compreendido corretamente pela ouvinte americana, que escreveu “*She writes about instants*”. Duas razões podem ter levado essa ouvinte a compreender *instants* ao invés de *existence*. A primeira está relacionada a duas pistas

⁹ “the way in which the sounds of the language are stored in the mind of the user”

¹⁰ “every listener is individual, a product of his or her own experience”

sonoras: (1) *instants* /'ɪnstənts/ é acentuado na primeira sílaba, igualmente à forma como o vocábulo *existence* ['ɛgzɪstəns] foi acentuado pela graduanda participante; e (2) alguns sons na última sílaba da palavra *instants* /tents/ são semelhantes aos da palavra produzida *existence* /'ɛgzɪstəns/.

A segunda razão está relacionada ao contexto linguístico. Podemos observar na transcrição “*She writes about instants*” que a ouvinte compreendeu corretamente o início da amostra “*She writes about*”. Esse fato provavelmente a levou a deduzir que a última palavra da amostra seria um tópico de escrita - *instants* - já que essas palavras fazem sentido lógico dentro do contexto em que se encontram.

Ao explicar a razão da má compreensão, a ouvinte escreveu: “*because of the way the beginning ‘e’ sounded since I couldn’t understand the word I assumed it was a writing topic*”.

A ouvinte camaronesa escreveu o vocábulo *existence* ['ɛgzɪstəns] corretamente, mas não explicou a razão. Ao perguntarmos como a mesma pronuncia tal palavra, ela respondeu: ['ɛgzɪstəns], ou seja, com o acento na primeira sílaba. Podemos perceber, portanto, que há uma semelhança, especificamente em relação à acentuação, entre as formas de pronunciar *existence* da graduanda brasileira que produziu a amostra 2 e da camaronesa.

Segundo Atechi (2004), acentuação no inglês camaronês se desvia fortemente de sotaques nativos do inglês. Um exemplo apresentado se refere a substantivos que tendem a ser acentuados na primeira sílaba no inglês camaronês, como em advice, e na segunda sílaba no RP, como em advice (ATECHI, op. cit., p. 96). Consideramos que a explicação do autor para a acentuação na primeira sílaba em *advice* pode também ser aplicada a *existence*, pronunciado pela camaronesa, e, portanto, confirmar a semelhança existente entre a acentuação da palavra *existence* no inglês camaronês e brasileiro. Essa semelhança pode revelar dois aspectos: (1) a razão da compreensão correta da palavra *existence* pela camaronesa; e (2) a influência que o sotaque do ouvinte pode ter em inteligibilidade.

Amostra 8 “It’s so present in my life because”

As duas ouvintes compreenderam a palavra *present* [pri'zent] corretamente.

A americana considerou a palavra difícil de entender, mas não conseguiu explicar a razão. A camaronesa informou que percebeu a diferença na pronúncia, [p.ii'zənt] ao invés de /'prɛzənt/, e explicou: “*mas eu entendi o sentido que ela queria dizer que tava presente na vida dela*”. Podemos inferir que o contexto linguístico pode ter auxiliado a ouvinte camaronesa a escrever o vocábulo *present* corretamente, já que ela compreendeu a intenção da graduanda.

Amostra 10 “Here at the university we have eh many subjects”

A palavra *university*, pronunciada ['ju:nivə:siti], foi compreendida corretamente pelas duas ouvintes. Nenhuma delas comentou a razão. A camaronesa, ao pronunciar *university*, produziu o acento na terceira sílaba, diferentemente da informante. Não há, portanto, uma semelhança na forma de pronunciar tal palavra entre a camaronesa e a graduanda participante.

A compreensão correta, possivelmente, se deve ao fato de que a acentuação em *university*, com acento na primeira sílaba ao invés da terceira, não causou modificações muito intensas na forma sonora dessa palavra. Além disso, o contexto linguístico em que se encontra a palavra, principalmente o trecho ‘*we have eh many subjects*’, que lembra o contexto universitário, pode ter ajudado na compreensão correta.

Produção de consoantes**Amostra 1 “She cooks everything and she mixes everything**

O vocábulo *everything* pronunciado ['ev.ɪfɪŋ], foi compreendido corretamente pela ouvinte americana, que explicou: “*I’ve got used to certain words that Brazilians might find difficult to pronounce in English (...)¹¹ erm for example th (...) when there’s a th in a word Brazilians tend to find that difficult*”.

¹¹ (...) indica qualquer pausa.

A explicação da ouvinte mostra, não apenas que a sua familiaridade com o falar em inglês dos brasileiros contribuiu para a compreensão correta de *everything*, mas também indica que ela conseguiu explicar o aspecto da pronúncia de brasileiros com o qual está familiarizada.

Assim como a ouvinte americana, a camaronesa compreendeu *everything* [ˈevɹifiŋ] corretamente. Ela considerou difícil de entender e comentou: “é porque ela fez com o *f* [fiŋ] né? ai (...) mas quando é o [siŋ] [tiŋ] *I can get*”. Ela acrescentou que pronuncia /t/ ao invés de /θ/ em seu sotaque, ou seja, a oclusiva, alveolar, desvozeada ao invés da fricativa, dental, desvozeada.

O comentário da camaronesa revela três aspectos relevantes: (1) a sua familiaridade com um aspecto de pronúncia que o aprendiz brasileiro tem dificuldades em produzir; (2) uma percepção acurada dos sons que o brasileiro tende a pronunciar ao invés da fricativa, dental, desvozeada; e (3) uma melhor compreensão de um vocábulo contendo a fricativa, dental, desvozeada /θ/, quando essa fricativa é substituída tanto pela fricativa, alveolar, desvozeada /s/ como pela oclusiva, alveolar, desvozeada /t/, do que pela fricativa, lábio dental, desvozeada /f/. O aspecto (3) pode sugerir que, pelo menos em relação à pronúncia da fricativa, dental, desvozeada, aprendizes brasileiros que não conseguem pronunciar essa fricativa, e que desejem ser melhor compreendidos por ouvintes camaroneses poderiam substituir /θ/ pela oclusiva, alveolar, desvozeada /t/, que é o mesmo som produzido na variedade da camaronesa. Talvez essa semelhança facilite a compreensão.

Amostra 5 “*The things they eat the way they have fun*”

A palavra *fun* /fʌn/ pronunciada [fʌ̝] foi escrita corretamente pela ouvinte americana, que não forneceu explicação para a compreensão correta.

A ouvinte camaronesa escreveu *have found* ao invés de *have fun*. Ao explicar a má compreensão, escreveu: “*The word fun was difficult to get because of the different pronunciation.*” Ao explicar oralmente o que havia escrito, ela comentou: “é porque pra gente é sempre como se fosse o ‘o’ né? eu digo [fɔ̝n] a pronúncia dela vem como se fosse o *found*”.

De acordo com Atechi (2004), a vogal central [ʌ] é pronunciada como a vogal posterior [ɔ] no inglês camaronês. Vocábulos tais como *son* e *bus* são pronunciados [sɔn] e [bɔs] ao invés de [sʌn] e [bʌs], respectivamente (ATECHI, 2004, p. 85). Os dados apresentados por Atechi (op. cit.), além de mostrarem que a camaronesa participante deste estudo representa o inglês camaronês descrito pelo autor, também podem explicar a influência da sua própria pronúncia na compreensão do vocábulo *fun*, já que ela percebeu o som /ʌ/ de *fun* como /ɔ/, que é a vogal que ela pronuncia nesse vocábulo. Essa influência pode ser corroborada com a compreensão correta do vocábulo *existence* pela camaronesa, mencionada anteriormente, e revelar que o próprio sotaque do ouvinte pode ser uma variável importante em inteligibilidade, tanto para auxiliar na compreensão correta, como em *existence*, com para impedir essa compreensão, como em *fun*.

Produção de vogais

Amostra 3 “*We we are so so good and we are so happy*”

A palavra *happy*, produzida [hɛp], foi compreendida corretamente pela ouvinte americana. Apesar de ter compreendido corretamente, a ouvinte classificou o vocábulo como difícil de entender e comentou: “*I didn't hear 'happy' I heard 'hap' which many Brazilians say incorrectly*”. Considerando o comentário da ouvinte, podemos interpretar que, entre as duas características de pronúncia identificadas no vocábulo *happy* - omissão da vogal anterior /i/ em posição final e a vogal /ɛ/ produzida ao invés de /æ/ - apenas a omissão da vogal foi percebida pela ouvinte. Isso pode sugerir que a produção da vogal /ɛ/ ao invés de /æ/ não parece ser uma característica de pronúncia relevante para a inteligibilidade de aprendizes brasileiros.

A ouvinte camaronesa escreveu *happy* corretamente e, diferentemente da ouvinte americana, não considerou difícil de entender. Ela, assim como a ouvinte americana, afirmou que brasileiros falam *hap*. A fim de explicar a sua compreensão correta, escreveu: “*the pronunciation of the word happy was slightly different (...) the last letter was not pronounced so I heard 'happ' but I guessed because of the word good she said before*”. Podemos perceber que, além da familiaridade com a forma que brasileiros pronunciam *happy*, o contexto linguístico auxiliou a camaronesa a deduzir

tal palavra. Isso pode explicar o fato de a mesma, diferentemente da americana, não ter considerado tal palavra difícil de compreender.

Amostra 6 “*She lives with my mother*”

A ouvinte americana compreendeu o vocábulo *lives*, pronunciado [livz] ao invés de /livz/, incorretamente e escreveu: (1) “*She leaves with her mother*”. Identificamos na transcrição, a compreensão do verbo *to leave* ao invés de *to live*. Podemos inferir que dois aspectos podem ter contribuído para a compreensão de *leaves* ao invés de *lives*: (1) a pronúncia de /i/ ao invés de /ɪ/; e (2) o fato de *leaves* e *lives* formarem um par mínimo e fazerem sentido no contexto da amostra - “*She lives with my mother*” e “*She leaves with my mother*”. Ao explicar a razão da sua compreensão incorreta, ela escreveu: “*when she said lives it sounded like leaves*”. Isso pode sugerir que *lives* pronunciado como [livz], não faz parte do léxico da americana com o sentido de *morar*.

Os dois aspectos que podem ter auxiliado a ouvinte americana a compreender *lives* incorretamente, não contribuíram para a compreensão incorreta desse vocábulo por parte da camaronesa, uma vez que a mesma escreveu a amostra 7 corretamente. Ao ver a transcrição ortográfica da amostra, ela comentou que considerou a pronúncia adequada. Ao ter sido questionada como *lives* é pronunciado em seu sotaque, ela respondeu: [livz]. A esse respeito, Atechi (2004) aponta que a vogal [ɪ] é pronunciada no inglês camaronês como [i]. *Hit* e *fit* são pronunciados [hit] e [fit] respectivamente (ATECHI, 2004, p. 84).

Percebemos que, assim como na pronúncia do vocábulo *existence*, mencionado anteriormente, há uma semelhança entre a forma que a graduanda brasileira participante deste estudo pronunciou *lives* na amostra 7 e a maneira como a ouvinte camaronesa pronuncia tal palavra. Percebemos, portanto, que, mais uma vez, assim como em *existence*, a própria pronúncia da camaronesa pode ter influenciado a sua compreensão correta de *lives*.

Inserção de vogal

Amostra 4 “Ah eh I know that it was the best gift”

A inserção da vogal reduzida [i] no final da palavra *best* ['bɛstⁱ] não causou problemas para a ouvinte americana, uma vez que, além de ter compreendido esse vocábulo corretamente, não comentou se havia encontrado dificuldades em compreendê-lo.

Assim como *best*, o vocábulo *gift* ['gɪfti] foi compreendido corretamente pela americana, que comentou: “*I know how they say (...) they put the i at the end (...) they say good [gudi]*”. É relevante acrescentar que a produção da vogal /i/ ao invés de /ɪ/ em *gift* também não causou problemas de compreensão.

A ouvinte camaronesa também compreendeu *best* ['bɛstⁱ] e *gift* ['gɪfti] corretamente, e escreveu: “*she spoke clearly*”. Ao comentar sobre a sua compreensão, ela explicou: “*ela fala gift ['gɪfti](...) eu já sei como é essa pronúncia (...) no final sempre coloca o i*”. A familiaridade da camaronesa com essa característica do inglês brasileiro é muito clara em seu comentário.

Amostra 7 “I just read small things”

O vocábulo *read* ['rɪdɪ] foi compreendido incorretamente pela americana, que escreveu “*I just see things*”. A inserção da vogal [i] em *read* ['rɪdɪ] pode ter influenciado a ouvinte a escrever *see* /sɪ/ que também contém essa vogal. O vocábulo *small* [iz'mɔu] não foi escrito pela americana, que não soube explicar a incomprensão.

Assim como a americana, a camaronesa escreveu o vocábulo *see*: “*I just see ... nothing*”. A inserção da vogal [i] em *read* ['rɪdɪ] pode também ter influenciado a camaronesa a escrever *see*.

Dois aspectos semelhantes na forma como as duas ouvintes escreveram a amostra 7 são relevantes. O primeiro é relacionado à incomprensão do vocábulo *small* pronunciado [iz'mɔu]. Nenhuma das ouvintes escreveu esse vocábulo, indicando que a inserção da vogal /i/ antes do grupo consonantal iniciado por /s/, e a sonorização da

fricativa alveolar /s/, pode ser um aspecto, na pronúncia de aprendizes brasileiros de inglês, importante em inteligibilidade. O segundo diz respeito à incompreensão de *read* ['ɹidi], que se contrapõe a compreensão correta de *gift* ['gɪftɪ] na amostra 4, pronunciado também com inserção de vogal. Uma possível explicação pode ser o fato de *read* ['ɹidi] preceder *small* [ɪz'məʊ], resultando em duas inserções de vogais juntas: ['ɹidiiz'məʊ]. Isso pode, provavelmente, ter dificultado a compreensão de *read* ['ɹidi].

Vocabulário *culture*

Amostra 9 “It’s not about the culture but it’s a bad habit”

A ouvinte americana compreendeu *culture* ['kjutʃər] incorretamente, e escreveu *future* ao invés de *culture*. Algumas semelhanças sonoras podem ter ajudado a ouvinte a escrever tal palavra, já que a pronúncia de *future* /'fju:tʃə/ ou /'fju:tʃər/ é muito semelhante ao modo como *culture* ['kjutʃər] foi pronunciado: além de ser acentuado na primeira sílaba, há uma semelhança na pronúncia dos sons [ju:tʃə] ou [ju:tʃər]. Assim, provavelmente, a ouvinte captou essas pistas sonoras, e através delas deduziu ter ouvido *future*. Além disso, *future* faz sentido no contexto linguístico da amostra.

Ao explicar a sua incompreensão, ela escreveu: “*The ‘cul’ sound was not clear*”. A explicação da ouvinte mostra que a forma como a graduanda pronunciou a primeira sílaba de *culture* afetou a sua compreensão.

Ao contrário da ouvinte americana, a camaronesa compreendeu *culture* ['kjutʃər] corretamente. Ao explicar a razão ela afirmou: “*os franceses aqueles da parte francófona de Camarões, alguns deles falando inglês pronunciam ['kɪtsə] ['kutʃə]*”. Esse comentário revela uma variável que não esperávamos: a familiaridade do ouvinte com outros sotaques. O contato que a camaronesa tem com camaronenses que têm francês como língua oficial, e que também falam inglês, auxiliou-a a compreender *culture* ['kjutʃər], já que ela percebeu uma semelhança entre a forma como a graduanda que produziu a amostra 9 e a forma como os francófonos de Camarões pronunciam tal palavra.

O argumento de Field (2003) relacionado à representação fonológica, mencionado anteriormente, pode ser aplicado aqui: a camaronesa, diferentemente da

americana, por ter contato com falantes de inglês de outras nacionalidades, no caso camaronenses francófonos, parece ter armazenado mais representações fonológicas da forma como *culture* pode ser pronunciado. Isso, provavelmente, auxiliou-a a associar a pronúncia da graduanda brasileira com a de francófonos de Camarões falantes de inglês e compreender *culture* corretamente. Com base em Field (2003) podemos inferir que a camaronesa, por ter mais exposição a outros sotaques do inglês, acumulou mentalmente traços sonoros da forma como *culture* pode ser pronunciado e foi capaz de decodificar corretamente o que ouviu.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Discutiremos os resultados, respondendo às duas perguntas apresentadas na introdução, e que constituem os objetivos deste estudo.

(1) Para qual das duas ouvintes a pronúncia dos aprendizes brasileiros é mais inteligível?

A fim de respondermos a essa pergunta, utilizaremos dados quantitativos, considerando o número de palavras em cada categoria de análise que foi compreendida corretamente por cada ouvinte. A tabela a seguir apresenta esses dados.

Tabela 1: Vocábulos compreendidos corretamente

Categorias de análise	Compreensões corretas pela ouvinte americana	Compreensões corretas pela ouvinte camaronesa
Acentuação	2	3
Produção de consoantes	2	1
Produção de vogais	1	2
Inserção de vogal	2	2
Vocábulo <i>culture</i>	0	1
Total de compreensões corretas	7	9

Apresentaremos aqui mais alguns dados para que a Tabela 1 possa ser melhor compreendida. O número total de vocábulos analisados em cada categoria é o seguinte: acentuação = 3; consoante = 2; vogal = 2; inserção de vogal = 4; e vocabulário *culture* = 1. Portanto, 12 vocábulos foram analisados. Considerando o número total de vocábulos compreendidos corretamente por cada ouvinte, 7 pela americana e 9 pela camaronesa,

podemos afirmar que a pronúncia das graduandas participantes é mais inteligível para a ouvinte camaronesa.

(2) A familiaridade das ouvintes com o falar em inglês dos brasileiros influenciou a compreensão da fala dos aprendizes? Se sim, de que forma?

Os resultados apresentados na análise mostram que a familiaridade das ouvintes com o falar em inglês dos brasileiros facilitou a compreensão da fala das graduandas, uma vez que as ouvintes fizeram referência a essa familiaridade. Apesar de a camaronesa residir no Brasil por um tempo menor do que a americana, 2 e 5 anos respectivamente, os dados revelam que a familiaridade facilitou a compreensão das ouvintes de forma semelhante, já que as mesmas mencionaram igualmente familiaridade com 3 aspectos de pronúncia na fala das graduandas.

O primeiro refere-se à pronúncia da fricativa labiodental desvozeada ao invés da fricativa dental no vocábulo *everything*. A ouvinte americana afirmou que está acostumada com certas palavras que brasileiros encontram dificuldades em pronunciar, e cita o som do *th* como difícil para brasileiros produzirem. A camaronesa distinguiu os sons /f/, /s/ e /t/ que brasileiros pronunciam ao invés da fricativa dental.

O segundo aspecto está relacionado à compreensão do vocábulo *happy*, pronunciado com omissão da vogal final. Ambas as ouvintes afirmaram que brasileiros pronunciam *happy* sem a vogal final. Isso mostra que essa familiaridade ajudou-as a compreender corretamente tal palavra.

O terceiro diz respeito à inserção da vogal /i/ em *gift*, já que as duas ouvintes explicaram claramente que brasileiros adicionam essa vogal em final de vocábulo.

Apesar da semelhança na familiaridade das duas ouvintes com os três aspectos de pronúncia mencionados, a fala das graduandas brasileiras, como mostrado anteriormente, foi mais inteligível para a camaronesa. Consideramos que isso pode ser explicado por dois fatores, que se constituem aqui como duas variáveis que não esperávamos. A primeira é a semelhança existente entre a pronúncia de *existence* e *lives* no inglês camaronês e na forma como as graduandas produziram tais palavras. A segunda variável é a exposição que a camaronesa tem, diferentemente da americana, a outros sotaques do inglês, que a auxiliou a compreender *culture*. A ouvinte relacionou *culture* pronunciado pela graduanda brasileira com a forma como esse vocábulo é pronunciado por francófonos de camarões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados deste estudo mostram que a pronúncia de um grupo de graduandas brasileiras de inglês é mais inteligível para uma ouvinte camaronesa do que para uma americana. A familiaridade que ambas as ouvintes têm com o falar em inglês de brasileiros facilitou a compreensão da fala das graduandas de forma semelhante. A melhor compreensão por parte da camaronesa pode ser explicado por duas variáveis: (1) a semelhança entre a pronúncia de alguns vocábulos no inglês camaronês e na forma como as graduandas produziram tais vocábulos; e (2) a exposição da camaronesa a outros sotaques do inglês. Esses dois fatores revelam duas variáveis que não esperávamos identificar neste estudo e que confirmam a complexidade em se medir inteligibilidade.

Devido à existência, neste estudo, das variáveis mencionadas, sugerimos outros estudos em inteligibilidade de pronúncia envolvendo aprendizes brasileiros de inglês que possam aprofundar a compreensão da influência de variáveis relacionadas aos ouvintes. Esses estudos podem focalizar ouvintes familiarizados com o inglês de brasileiros e investigar dois aspectos: (1) a forma como essa familiaridade pode influenciar a inteligibilidade da pronúncia de brasileiros; e (2) a inclusão de ouvintes que façam parte, não apenas do círculo interno proposto por Kachru (1985, apud NELSON, 2011), mas também do círculo externo e expandido.

REFERÊNCIAS

- ATECHI, S. *The intelligibility of native and non-native English speech: a comparative analysis of Cameroon English and American and British English*. Tese de Doutorado. Chemnitz University of Technology. 2004.
- BAPTISTA, B. Frequent pronunciation errors of Brazilian learners of English. In: FORTKAMP, M.; XAVIER, R. (eds). **EFL teaching and learning in Brazil: Theory and Practice**. Florianópolis: Insular, 2001.
- BRAZIL, D. **Pronunciation for advanced learners of English**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- CRUZ, N. C. Familiaridade do ouvinte e inteligibilidade da pronúncia de aprendizes brasileiros de inglês. **Horizontes de Linguística Aplicada**, v. 7, 2008.
- _____. Pronunciation intelligibility in Brazilian learners' English. **Claritas**, v. 12, n. 1, 2006.
- _____. An exploratory study of pronunciation intelligibility in the Brazilian learner's English. **The ESPecialist**, v. 24, n. 2, 2003.

- DERWING, T. M.; MUNRO, M. J. Accent, intelligibility, and comprehensibility. **Studies in Second Language Acquisition**, v. 19, n. 1, 1997.
- FIELD, J. The fuzzy notion of ‘intelligibility’: A headache for pronunciation teachers and oral testers. **IATEFL Special Interest Groups Newsletter**, Special issue, 2003.
- GASS, S.; VARONIS, E. The effect of familiarity on the comprehensibility of nonnative speech. **Language Learning**, v. 34, n. 1, 1984.
- JENKINS, J. **World Englishes: a resource book for students**. London: Routledge, 2003.
- _____. **Phonology of English as an international language: New models, new norms, new goals**. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- KENWORTHY, J. **Teaching English pronunciation**. London: Longman, 1987.
- LIEFF, C. D.; POW, E. M.; NUNES, Z. A. **Descobrindo a pronúncia do inglês**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- LIEFF, C.; NUNES, Z. English pronunciation and the Brazilian learner: How to cope with language transfer. **Speak Out! Newsletter of the IATEFL Pronunciation SIG**, v. 12, 1993.
- NELSON, C. L. **Intelligibility in World Englishes: Theory and application**. London: Routledge, 2011.
- REBELLO, J. T. *The Acquisition of English Initial /s/ Clusters by Brazilian EFL Learners*. Dissertação de Mestrado, UFSC. 1997.
- SILVA, R. A small scale investigation into the intelligibility of the pronunciation of Brazilian intermediate students. **Speak Out! Newsletter of the IATEFL Pronunciation SIG**, v. 23, 1999.
- SMITH, L. E.; BISAZZA, J. A. The comprehensibility of three varieties of English for college students in seven countries. **Language Learning**, v. 32, n. 2, 1982.
- TOMYIAMA, M. Grammatical errors and communication breakdown. **TESOL Quarterly**, v. 14, n. 1, 1980.
- WALKER, R. **Teaching the pronunciation of English as a Lingua Franca**. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- WANG, Y. Y. *The intelligibility of Malaysian English: a study of some features of spoken English produced by University students in Malaysia*. Tese de Doutorado. Universidade de Londres. 1987.

ANEXO AMOSTRAS

Prática: My Goodness this is so strange

1. She cooks everything and she mixes everything

[ˈev.riθɪŋ] [ˈev.riθɪŋ]

2. She writes about existence

[ˈɛgzɪstəns]

3. We we are so so good and we are so happy

[həp]

4. Ah eh I know that it was the best gift

[ˈbɛst̩] ['gɪft̩]

5. The things they eat the way they have fun

[fʌn]

6. She lives with my mother

[lɪvz]

7. I just read small things

[.jɪdi] [ɪz'mɔu]

8. It's so present in my life because

[pɹi'zɛnt̩]

9. It's not about the culture but it's a bad habit

[ˈkjutʃə̚]

10. Here at the university we have eh many subjects

[ˈju:nɪvəsiti]